

Versão eletrônica do diálogo platônico "Filebo"  
Tradução: Carlos Alberto Nunes  
Créditos da digitalização: Membros do grupo de discussão Acrópolis (Filosofia)  
Homepage do grupo: <http://br.egroups.com/group/acropolis/>

A distribuição desse arquivo (e de outros baseados nele) é livre, desde que se dê os créditos da digitalização aos membros do grupo Acrópolis e se cite o endereço da homepage do grupo no corpo do texto do arquivo em questão, tal como está acima.

## FILEBO

I - *Sócrates* - Então vê, Protarco, em que consiste a tese de Filebo, cuja defesa vais fazer, e também a nossa, que terás de contestar, no caso de não a aprovares. Queres que recapitulemos as duas?

*Protarco* - Perfeitamente.

*Sócrates* - Ora bem: o que Filebo afirma, é que, para todos os seres animados, o bem consiste no prazer e no deleite, e tudo o mais do mesmo gênero. De nossa parte, defendemos o princípio de que talvez não seja nada disso, mas que o saber, a inteligência, a memória e tudo o que lhes for aparentado, como a opinião certa e o raciocínio verdadeiro, são melhores e de mais valor que o prazer, para quantos forem capazes de participar deles, e que essa participação é o que há de mais vantajoso pode haver para os seres em universal, presentes e futuros. Não foram esses pontos, Filebo, mais ou menos, que cada um de nós defendeu?

*Filebo* - Isso mesmo, Sócrates; sem tirar nem pôr.

*Sócrates* - E agora, Protarco, aceitas amparar a tese que te confiamos?

*Protarco* - Sou obrigado a aceitar, uma vez que o belo Filebo já cansou.

*Sócrates* - Por todos os meios, haveremos de atingir a verdade nesse terreno.

*Protarco* - Sem dúvida.

II - *Sócrates* - Muito bem; acrescentemos ao que ficou dito mais o seguinte.

*Protarco* - Que será?

*Sócrates* - A partir deste momento, cada um de nós se esforçará por demonstrar qual é o estado e a disposição da alma capaz de proporcionar vida feliz aos homens. Não é isso mesmo?

*Protarco* - Exato.

*Sócrates* - Então, compete a vós ambos demonstrar que é o prazer; e a mim, a sabedoria.

*Protarco* - Perfeitamente.

*Sócrates* - E se descobrirmos outro estado, superior a esses? No caso de revelar-se mais aparentado com o prazer, não será certeza ficarmos ambos vencidos pela vida reforçada com essa vantagem, mas que a vida do prazer levará a melhor, com relação a da sabedoria.?

*Protarco* - Isso mesmo.

*Sócrates* - E se tiver maior afinidade com a sabedoria, esta é que vencerá o prazer, que acabará derrotado. Admites também esse ponto, ou não?

*Protarco* - Eu, pelo menos, admito.

*Sócrates* - E tu, Filebo, o que me dizes?

*Filebo* - De meu lado, sou de opinião que, de todo o jeito, o prazer sairá vencedor; mas a ti, Protarco, é que compete decidir.

*Protarco* - Desde que nos transferiste a discussão, Filebo, perdeste o direito de concordar com Sócrates ou divergir dele.

*Filebo* - Tens razão; e assim, daqui em diante considero-me desobrigado de responder, para o que invoco o testemunho da própria deusa.

*Protarco* - Nós, também, juntamos ao teu o nosso testemunho, com respeito a essa declaração. E agora, Sócrates, quer Filebo concorde, quer faça o que entender, procuremos desenvolver nossos argumentos até o fim.

III - *Sócrates* - Sim, façamos isso mesmo, a começar pela própria divindade que, segundo Filebo, se chama Afrodite, mas cujo verdadeiro nome é Prazer.

*Protarco* - Certíssimo.

*Sócrates* - Não é humano, Protarco, o medo que sempre revelo, com respeito aos nomes dos Deuses; excede a toda espécie de temor; foi por isso que eu designei Afrodite da maneira mais do seu agrado. Quanto ao prazer, sei muito bem que é vário e múltiplo; e, uma vez que vamos começar por ele, conforme declaramos, compete-nos estudar, desde logo, sua natureza. Quando o ouvimos designar, parece único e muito simples; mas, em verdade, assume as mais variadas formas, que, de certo jeito, são totalmente dissemelhantes entre si. Atende ao seguinte: dizemos que o indivíduo intemperante sente prazer, como afirmamos a mesma coisa do temperante, pelo fato de ser temperante, e também do insensato repleto de opiniões e de esperanças loucas, e do próprio sábio, por ser este o que é, realmente: sábio. Ora, quem afirmasse que são iguais essas duas espécies de prazer, com todo o direito não poderíamos apodá-lo de irracional?

*Protarco* - Esse prazeres, Sócrates, provêm de coisas opostas; mas em si mesmos não são opostos. Como, no meio de tudo, um prazer não haverá de assemelhar a outro, vale a dizer: a si mesmo?

*Sócrates* - A esse modo, meu caro, também as cores se parecem, pelo menos como cores; em nada distinguem umas das outras. Mas, todos nós sabemos, não apenas que o preto difere do branco, como é precisamente o seu oposto. O mesmo passa com as figuras que, como gênero, constituem um todo; mas as espécies não somente se opõem umas às outras, como são variáveis ao infinito. Fora fácil apontar muitos exemplos nas mesmas condições. Não confies, pois, num argumento que reduz à unidade tantos opostos. Tenho minhas suspeitas de que haveremos de encontrar prazeres que se opõem entre si.

*Protarco* - É possível; mas, com isso, em que sairia prejudicada nossa argumentação?

*Sócrates* - Por designá-los, é o que diremos, a todos por um nome, apenas, quando, em verdade, são dissemelhantes. Com efeito, afirmas que todas as coisas agradáveis são boas. Ora, ninguém contesta que as coisas agradáveis não sejam agradáveis; mas, sendo poucas as boas, de todas dizes que são boas, muito embora, quando premido pelos argumentos, conceda que são dissemelhantes. Que há de comum nas coisas boas e nas más, para dizeres que todo prazer é bom?

*Protarco* - Que me dizes Sócrates? Acreditas mesmos, que, depois de haver admitido que o prazer é bom, haja quem possa aceitar tua assertiva, de que alguns prazeres são bons e outros são ruins?

*Sócrates* - Porém há concordar que muitos são dissemelhantes entre si, e alguns até mesmo opostos.

*Protarco* – Como prazeres, não.

*Sócrates* – Assim Protarco, voltamos a incidir no argumento anterior, para dizer não apenas que um prazer não difere do outro, mas que todos são semelhantes. Os argumentos aduzidos até o presente não nos fazem a menor moça, e passaremos a agir e a argumentar como indivíduos ineptos e de todo inexperiente nesse tipo de argumentação.

*Protarco* – Que pretendes dizer com isso?

*Sócrates* – É que, se eu quisesse defender-me à tua maneira, iria a ponto de afirmar que a coisa mais dissemelhante é a que mais se assemelha com as que ela menos se parece, bastando para isso argumentar como fizeste, como o que nos mostraríamos mais inexperientes do que convém, e nossa discussão se evaporaria de todo. Obriguemo-la, pois, a voltar atrás; se retomarmos os mesmos princípios, talvez cheguemos a um acordo.

*Protarco* – Como será, então?

IV- *Sócrates* – Admite agora, Protarco, que eu passo a interrogar por ti.

*Protarco* – A respeito de que?

*Sócrates* – A sabedoria, o conhecimento e a inteligência, e tudo mais que no começo incluí na categoria dos bens, quando me perguntastes o que era o bem, não estarão no mesmo caso do prazer?

*Protarco* – Como assim?

*Sócrates* – Englobadamente considerados, os conhecimentos nos parecerão múltiplos e diferentes dos outros. E na hipótese de alguns se revelarem opostos entre si, mostrar-me-ia à altura de nosso debate, se, de medo de chegar a essa conclusão, declarasse que nenhum conhecimento difere de outro. Não acabaria aí mesmo nosso discurso, à maneira de uma fábula, só nos restando, para salvar-nos o recurso de alguma escapatória inepta?

*Protarco* – Porém isso não acontecerá de jeito nenhum, tirante o recurso salvador. Agrade-me o pé de igualdade em que se encontram nossos argumentos: são inúmeros e dissemelhantes os prazeres, como são múltiplos os conhecimentos e em todo o ponto diferentes.

*Sócrates* – Então, Protarco, não ocultemos a diferença existente entre meu bem e o teu; ao contrário: tenhamos a coragem de trazê-los para o meio da discussão. É possível que, a um exame mais atento, eles permitam concluir se o bem é prazer ou conhecimento ou algo diferente de ambos. É fora de dúvida que não nos pusemos a discutir com o propósito preestabelecido de dar ganho de causa ao meu ou ao teu ponto de vista. O que importa a nós dois é batermo-nos a favor do princípio mais consentâneo com a verdade.

*Protarco* – Sem dúvida.

V – *Sócrates* – Então, fortifiquemos mais ainda nosso princípio, por meio de um acordo mútuo.

*Protarco* – Que princípio?

*Sócrates* – Aquele que dá trabalho a todos os homens, quer queiram quer não queiram.

*Protarco* – Sê mais claro.

*Sócrates* – Refiro-me ao princípio em que tropeçamos neste momento, de natureza maravilhosa, pois é maravilha dizer-se que o uno é múltiplo, e o múltiplo, um, sendo muito fácil contestar quem só defender uma dessas posições.

*Protarco* – Imaginas, sem dúvida, o exemplo de alguém afirmar que eu, como Protarco, sou uno por natureza e, ao mesmo tempo, múltiplo e contraditório em mim mesmo, por poder considerar-me essa pessoa como grande ou pequeno, pesado ou leve e de mil modos diferentes.

*Sócrates* – O que disseste, Protarco, é o que todo o mundo fala a respeito dessas esquisitices do uno e do múltiplo, declarando-se todos de acordo, por assim dizer, em que não devemos tocar nesse tema pueril e fácil demais, que só atrapalharia nosso debate. O mesmo aconteceria na seguinte situação, se alguém, por exemplo, separasse em pensamento os membros e as partes determinada coisa e chegasse à conclusão de que todos esses segmentos são essa coisa única, para, logo depois, rir de si mesmo e refutar-se, por ter sido obrigado a enunciar uma posição monstruosa, com afirmar que o uno é múltiplo e infinito, e o múltiplo não é mais do que um.

*Protarco* – Mas, quais são as outras maravilhas, Sócrates, a que te referiste, desse mesmo princípio, que nem são de aceitação geral nem familiares do público?

*Sócrates* – Menino, é quando alguém considera como unidades as coisas que nem nascem nem perecem, tal como nos exemplos que acabamos de mencionar. Esses casos tipos de unidade, conforme agora mesmo declaramos, por consenso geral não devem ser examinados. Mas quando se assevera que o homem é um, ou o boi é um, ou o belo é um, ou o bem é um: é acerca dessas unidades e de outras semelhantes que o grande interesse por todas despertadas suscita facilmente divisões e controvérsias.

*Protarco* – Como assim?

*Sócrates* – Inicialmente, quando aceitamos que essas unidades existem de fato; de seguida como devemos compreender que cada uma delas, com ser sempre a mesma e não admitir nem geração nem descrição, não continue sendo o que é mesmo: unidade. Por último, se devemos admitir que, nas coisas submetidas à geração, de número infinito, essa unidade se dispersa e fica múltipla, ou se se conserva inteira e fora de si mesma, o que se nos afigura o maior dos absurdos, pois, sendo a mesma e una, encontrar-se-ia concomitantemente no uno e no múltiplo. São esses aspectos do uno e do múltiplo, Protarco, não os outros, quem nos criam toda sorte de dificuldades, quando são considerados sob perspectiva defeituosa, ao passo que tudo corre às mil maravilhas na hipótese contrária.

*Protarco* – Então, Sócrates, trabalhemos desde já na solução desse problema.

*Sócrates* – É também o que eu penso.

*Protarco* – Podes ficar certo de que todos os presentes compartilham tua maneira de pensar. Quanto ao nosso Filebo, é melhor não mexer com quem dorme sossegado.

VI – *Sócrates* – Ora bem! E como iniciaremos esse debate tão grande e complicado, acerca da tese em discussão? Assim ficará bem?

*Protarco* – De que jeito?

*Sócrates* – Dizemos que o Mesmo, como uno e como múltiplo, é identificado pelo pensamento e que circula, agora e sempre, por tudo o que falamos. Semelhante fato não é de hoje nem nunca deixará de existir; trata-se, segundo creio, de uma propriedade inerente ao nosso pensamento, e que jamais envelhece. O jovem que com ele se depara pela primeira vez, exulta como se tivesse achado algum tesouro de sabedoria; no entusiasmo de seu contentamento, não há tema em que ele não mexa, ora enrolando o múltiplo num só, ora desenrolando-o e subdividindo-o, com o que apresta, desde o início, a si próprio, as maiores confusões e a quantos dele se aproximem, ou seja moço ou velho ou da mesma idade que ele, sem poupar pai nem mãe nem seus ouvintes; sim, nem mesmos os animais – pois não me refiro apenas aos homens – nem aos bárbaros uma vez que conseguisse intérprete apropriado.

*Protarco* – Como, Sócrates! Não vês quantos somos e, ainda por cima jovens? Não receias que nos juntemos a Filebo para atacar-te, no caso de nos ofenderes? Compreendo o que queres dizer; se houver maneira de afastar devagarinho tanta desordem de nossa discussão e de encontrar um caminho melhor que vá dar em nosso argumento, procuraremos acompanhar-te na medida de nossas forças. Nosso tema, Sócrates, não é de importância secundária.

*Sócrates* – Meninos, o caminho recomendado por Filebo não existe. Não há nem pode haver caminho mais belo do que o que eu sempre amei, mas que perco mui freqüentemente, ficando sempre na maior perplexidade.

*Protarco* – Qual é? Basta que o menciones.

*Sócrates* – Indicá-lo é fácil; difícil acima de tudo é percorrê-lo. Foi graças a esse método que se descobriu tudo o que se diz a respeito às artes. Considera o seguinte.

*Protarco* – Podes falar.

*Sócrates* – Até onde o compreendo, trata-se de um dádiva dos deuses para os homens, jogada aqui para baixo por intermediário de algum Prometeu, juntamente com um fogo de muito brilho. Os antigos, que eram melhores do que nós e viviam mais perto dos deuses, nos conservaram essa tradição: que tudo o que se diz existir provém do uno e do múltiplo e traz consigo, por natureza, o finito e o infinito. Uma vez que tudo está coordenado dessa maneira, precisamos procurar em todas as coisas sua idéia peculiar, pois sem dúvida nenhuma a encontraremos. Depois dessa primeira idéia, teremos de procurar mais duas, se houver duas, ou mais três, ou qualquer outro número, procedendo assim com todas, até chegarmos a saber não apenas que a unidade primitiva é una e múltipla e infinita, como também quantas espécies ela contém. Não devemos aplicar a pluralidade a idéia do infinito sem primeiro precisar quantos números ela abrange, desde o infinito até à unidade; só então soltaremos a unidade de cada coisa, para que se perca livremente no infinito. Conforme disse, foram os deuses que nos mimosearam com essa arte de investigar e aprender e de nos instruímos uns com os outros. Mas os sábios de nosso tempo assentam ao acaso o uno e o múltiplo com mais pressa ou lentidão do que fora necessário, saltando indevidamente da unidade para o infinito, com o que lhes escapam os números intermediários. Esse, o caráter fundamental que permite distinguir se em nossas discussões procedemos como verdadeiros dialéticos ou como simples disputadores.

VII – *Protarco* – Parte do que disseste, Sócrates, me parece inteligível; mas acerca de alguns pontos ainda necessito de esclarecimentos.

*Sócrates* – O que eu digo, Protarco, ficará bastante claro se o aplicares às letras do alfabeto, conforme as aprendeste quando menino.

*Protarco* – Como assim?

*Sócrates* – Una é a voz que nos sai da boca e, ao mesmo tempo, de infinita multiplicidade para cada um de nós – Sem dúvida.

*Protarco* – Certíssimo.

*Sócrates* – A mesma coisa faz o músico.

*Protarco* – Como assim?

*Sócrates* – Em relação com a arte da música, a voz é una em si mesma.

*Protarco* – Exato.

*Sócrates* – Reconheçamos, então, que há dois sons: o grave e o agudo, e mais o terceiro: o médio.

*Protarco* – Isso mesmo.

*Sócrates* - Porém não conhecerás música, se souberes apenas isso; como será o mesmo que nada, por assim dizer, o que souberes desse domínio se o ignorares.

*Protarco* – Sem dúvida.

*Sócrates* – Mas, meu caro amigo, quando estudares os intervalos dos sons, o número e a natureza dos agudos e dos graves, os limites dos intervalos e todas as combinações possíveis, descobertas por nossos pais, que no-las transmitiram, como a seus descendentes, sob a denominação de harmonias, bem como as operações congêneres que vamos encontrar nos movimentos dos corpos e que, interpretadas pelos números, como diziam, receberam o nome de ritmo e medida, e considerares que o mesmo princípio terá de ser aplicado a tudo que é uno e múltiplo: quando houveres aprendido tudo isso, então, e só então, chegarás a ser sábio, e quando examinares às luzes desse mesmo princípio seja a unidade que for, tornar-te-ás sábio com relação a ela. Mas a infinitude dos indivíduos e a multidão que se encontra em cada um dificultam sobremodo sua compreensão e te impedem de ser considerado como entendido na matéria, por nunca te deteres no número de nenhuma coisa.

VIII – *Protarco* – Parece-me, Filebo, muito claro o que Sócrates acabou de expor.

*Filebo* – É também o que eu penso. Mas, por que nos fez toda essa exposição e aonde ele quer chegar?

*Sócrates* – Filebo tem razão, Protarco, de fazer-nos essa pergunta.

*Protarco* – Sem dúvida, dá-lhe, então, a resposta adequada.

*Sócrates* – É o que farei; mas, só depois de apresentar uma pequena observação. O que eu digo é que quando tomamos qualquer unidade, não devemos olhar de imediato para a natureza do infinito, mas para algum número; e o contrário disso; sempre que formos obrigado a começar pelo infinito, nunca saltemos imediatamente para a unidade; esforcemo-nos, isso sim, para alcançar um número que em cada caso represente certa pluralidade, para chegar à unidade depois de passar pelo todo. Retomemos o exemplo anterior, das letras.

*Protarco* – De que jeito?

*Sócrates* – Observando que a voz humana era infinita, certa divindade, porventura, ou fosse algum homem divino, conforme dizem no Egito com relação a um certo Teute, separou, de início, dessa infinitude uma tantas vogais, não uma, simplesmente, muitas, e depois outras letras que, serem vogais, participam de algum som, e também em número apreciável. Por fim, distinguiu uma terceira variedade de letras a que hoje damos o nome de mudas. De seguida, apartou as letras que não tem som nem voz, até individualizar uma por uma, procedendo da mesma forma com as outras duas classes, das vogais e das semivogais, e assim, depois de dominá-las em sua totalidade, deu a cada uma e a todas em conjunto o nome de elementos. E como houvesse percebido que nenhum de nós consegue aprender uma letra sem aprender todas, considerou como unidade esse elo de ligação, a que deu o nome de gramática, como arte perfeitamente individualizada.

*Filebo* – Compreendi isso agora, Protarco, com mais facilidade do que o precedente. Mas tanto nessa parte como na outra ainda me falta uma coisinha de nada.

*Sócrates* – Porventura, Filebo, será a relação entre isso e o tema principal?

*Filebo* – Exato; é justamente o que eu e Protarco procuramos.

*Sócrates* – Em verdade, já encontrastes o que procuráveis; contudo, insistes em dizer que ainda vos esforçais nesse sentido.

*Filebo* – Como assim?

IX - *Sócrates* – Não era do prazer e da sabedoria que tratava nossa discussão inicial, para saber qual dos dois devemos preferir?

*Filebo* – Isso mesmo.

*Sócrates* – Como também qualificamos cada um deles como unidade.

*Filebo* – Perfeitamente.

*Sócrates* – Pois é precisamente esse o problema que a discussão anterior nos patenteia: como cada um deles pode ser, ao mesmo tempo, um e múltiplo e não imediatamente infinito, por abrangerem ambos um determinado número, antes de alcançarem o infinito?

*Protarco* – Não é nada fácil, *Filebo*, a questão com que *Sócrates* nos obrigou – e com que habilidade! – a rodar no mesmo ponto. Considera agora qual de nós deve responder a essa pergunta. Talvez seja algum tanto ridículo, depois de eu haver assumido em teu lugar a responsabilidade da discussão, atribuir-te semelhante incumbência, pela impossibilidade em que me encontro para resolver a questão. Porém mais ridículo, ainda, me parece não ser nenhum de nós capaz de resolvê-la. Considera como devemos proceder. A meu ver, o que *Sócrates* nos pergunta neste momento, acerca dos prazeres, é se não há espécies diferentes, seu número e natureza. O mesmo vale com respeito à sabedoria.

*Sócrates* – É isso, precisamente, filho de *Cálias*; se não soubermos resolver essas questões a respeito de tudo o que é um ou igual ou sempre o mesmo, e também de seus contrários, conforme o demonstrou a discussão precedente, em nenhum tempo algum de nós revelará préstimo seja no que for.

*Protarco* – Quer parecer-me, *Sócrates*, que estás com a razão. Se para o sábio é belo conhecer tudo, o segundo roteiro de navegação será não desconhecer a si mesmo. E porque me desconhecer a si mesmo. E porque me expresso dessa maneira na presente conjuntura? É o que passarei a explicar. Partiu de ti, *Sócrates*, a idéia da presente discussão, quando te prontificaste a determinar qual seja para o homem o melhor bem. Havendo afirmado *Filebo* que era o prazer, as diversões, a alegria e tudo o mais do mesmo gênero, contestaste-lhe a assertiva e disseste que não era nada daquilo, mas o que tantas vezes, de intento, revocamos à memória – no que estávamos certos – para tê-los a ambos bem gravados em nossa retentiva. Ao que me parece, de teu lado afirmas que o bem merecedor de ser proclamado superior ao prazer é a mente, o conhecimento, a inteligência, a arte e tudo o que lhe for aparentado, sendo esses, justamente, os bens que precisamos adquirir, não os outros. Como tais convicções foram defendidas com calor, ameaçamos-te em tom de brincadeira, não permitir que voltasses para casa sem levarmos a discussão a um fim satisfatório. Declaraste-te de acordo e te puseste à nossa disposição. Por isso, diremos como as crianças: Presente dado não se torna a tomar. Pára, por conseguinte com esse sestro de te opores a tudo o que afirmamos.

*Sócrates* – Que queres dizer com isso?

*Protarco* – Que nos apertar demais com perguntas a que não podemos responder satisfatoriamente nas presentes circunstâncias. Não podemos admitir, em absoluto, que a discussão se encerre com tanta perplexidade, e se nos declaramos incapazes de fazê-la progredir, a ti compete movimentá-la, pois prometeste que assim farias. Decide, então, se te convém dividir o prazer e o conhecimento em suas respectivas espécies, ou afastar, de pronto, semelhante idéia, dada a hipótese de te considerares com disposição e capacidade para esclarecer de outra maneira o tema em discussão.

*Sócrates* – Depois do que acabas de expor, não abrigo o menor receio de vir a sofrer violência; a expressão Se te considerares com disposição e capacidade, neutraliza qualquer temor

a esse respeito. Além do mais, quer parecer-me que alguma divindade me faz lembrar certas coisas.

*Protarco* – Como assim? Que coisas serão?

X – *Sócrates* – Ocorre-me neste momento uma velha frase que eu teria ouvido em sonhos ou acordado, acerca do prazer e da sabedoria, sobre não ser o bem nenhum dos dois, mas uma terceira coisa, diferente daqueles e melhor do que ambos. Se for possível, esclarecer esse ponto, fica liquidada, de uma vez, a vitória do prazer, pois o bem não poderá identificar-se com ele. Não é mesmo?

*Protarco* – Exato.

*Sócrates* – Como ficaremos dispensadas de dividir o prazer em suas espécies. É assim que eu penso, o que se tornará cada vez mais evidente, à medida que avançarmos na explicação do tema.

*Protarco* – Ótimo esclarecimento; prossegue nessas mesmas bases.

*Sócrates* – Porém antes ponhamo-nos de acordo acerca de uns pontinhos secundários.

*Protarco* – Quais serão?

*Sócrates* – É de necessidade forçosa que a natureza do bem seja perfeita? Ou será imperfeita?

*Protarco* – Terá de ser o que há de mais perfeito, Sócrates.

*Sócrates* – E agora, o bem é suficiente?

*Protarco* – Como não? Nesse particular, exatamente, é que ele ultrapassa tudo o mais.

*Sócrates* – Como também devemos afirmar, segundo penso, com absoluta convicção, que todo ser dotado de discernimento o procura e se esforça por adquiri-lo em definitivo, sem preocupar-se de nada destituído de qualquer conexão com o bem.

*Protarco* – Contra isso não há objeção possível.

*Sócrates* – Examinemos, então, e julguemos a vida do prazer e as sabedoria, tomando cada uma em separado.

*Protarco* – Que queres dizer com isso?

*Sócrates* – Não admitamos nenhuma sabedoria na vida do prazer nem prazer na da sabedoria. Se um dos dois for o bem, não necessitará de mais nada, e se qualquer deles se revelar como carecente de algo, só por isso não poderá ser considerado o verdadeiro bem.

*Protarco* – Como fora possível?

*Sócrates* – Permites que façamos essa experiência contigo?

*Protarco* – Perfeitamente;

*Sócrates* – Então, responde.

*Protarco* – Podes falar.

*Sócrates* – Aceitarias, Protarco, passar a vida inteira no gozo dos maiores prazeres?

*Protarco* – Por que não?



*Sócrates* – E achas que ainda te faltaria alguma coisa, se contasses com prazeres em abundância?

*Protarco* – Em absoluto.

*Sócrates* – Reflete melhor. Não precisarias pensar, compreender e calcular o que te faltasse, juntamente com seus cognatos? Não virias a precisar de nada?

*Protarco* – Para quê? Com o prazer, teria tudo.

*Sócrates* – Vivendo desse jeito, desfrutarias, a vida inteira, dos maiores prazeres.

*Protarco* – Sem dúvida.

*Sócrates* – Mas, para começar, sem inteligência nem memória nem conhecimento nem opinião verdadeira, forçosamente não poderias saber se desfruta ou não de algum prazer, já que serias inteiramente falto de discernimento.

*Protarco* – Sem dúvida.

*Sócrates* – Da mesma forma, desprovido de memória, é claro que não apenas não poderias recordar-te de que havias tido algum prazer, como também passaria sem deixar rastro algum o prazer do momento presente, Outrossim, carecente de opinião verdadeira, nunca poderias dizer que sentias prazer no instante em que o sentisses, e como és carecente de reflexão, não poderias calcular os prazeres que o futuro te ensinasse. Não seria vida de gente, mas de algum pulmão marinho, ou desses animais do mar provido de conchas. Será assim mesmo, ou precisamos fazer do caso idéia diferente?

*Protarco* – Como fora possível?

*Sócrates* – E tal vida seria aceitável?

*Protarco* – Tua argumentação, Sócrates, me deixou sem fala.

*Sócrates* – Então, não amoleçamos; tomemos a vida inteligente e consideramo-la de perto.

XI – *Protarco* – A que vida te referes?

*Sócrates* – Quero saber se algum de nós aceitaria viver com sabedoria e inteligência e conhecimento de todas as coisas e a memória de tudo o que acontecera, porém sem participar, nem muito nem pouco, do prazer ou da dor, ou seja, inteiramente insensível a tudo isso.

*Protarco* – Nenhum desses gêneros de vida, Sócrates, me parece aceitável, nem creio que alguém os escolhesse.

*Sócrates* – E dos dois reunidos, Protarco, para de sua união fazermos um terceiro?

*Protarco* – Referes-te a um misto de prazer com inteligência e discernimento?

*Sócrates* – Exatamente; uma vida assim é que imagino.

*Protarco* – Não há quem não escolhesse semelhante gênero de vida, de preferência a um daqueles.

*Sócrates* – Será que apanhamos bem a consequência irretorquível de nossa proposição?

*Protarco* – Perfeitamente: dos três gêneros de vida apresentados, há dois que não são nem suficientes nem desejáveis, tanto para os homens como para qualquer ser vivo.

*Sócrates* – E daí não se concluirá, também, com evidência meridiana, que nenhum dos dois participa do bem? Pois, do contrário, também seriam suficientes, perfeitos e desejáveis por parte das plantas e dos animais capazes de viver semelhante vida o tempo todo. E se algum de nós preferisse outra condição, sua escolha seria contrária à natureza do que é verdadeiramente desejável, e efeito involuntário da ignorância ou de alguma fatalidade perniciososa.

*Protarco* – Parece, mesmo, que tudo se passa dessa maneira.

*Sócrates* – Nesse caso, considero cabalmente demonstrado que a deusa de Filebo não pode ser confundida com o bem.

*Filebo* – Nem tua inteligência, Sócrates, se identificará com o bem, pois está sujeita às mesmas condições.

*Sócrates* – Com a minha, Filebo, é possível que isto aconteça; porém não com a inteligência ao mesmo tempo divina e verdadeira. Com essa, quero crer, as coisas se passam de outro modo. Não disputo o primeiro prêmio para a inteligência, no que entende com aquela vida mista; quanto ao segundo, precisamos ver e examinar o que será preciso fazer. Talvez eu e tu pudéssemos defender a tese de que a verdadeira causa dessa vida mista seja, respectivamente, a inteligência ou o prazer, e assim nenhum dos dois viria a ser o bem em si mesmo, restando a possibilidade de aceitarmos um deles como causa do bem. Sobre esse ponto, sou inclinado a sustentar contra Filebo que, seja qual for o elemento presente nessa vida mista que a deixa boa e desejável, não será o prazer, mas a inteligência o que com ele apresenta com mais parença e afinidade. Com base nestes raciocínios, podemos afirmar que, em verdade, o prazer não tem direito nem ao segundo prêmio, como está longe de merecer o terceiro, se confiardes agora em minha inteligência.

*Protarco* – Em verdade, Sócrates, quer parecer-me que jogaste ao chão o prazer; foi derrubado pelo teu último argumento: sucumbiu na disputa pelo primeiro prêmio. Quanto à inteligência, precisamos reconhecer sua superioridade nisto de não haver disputado a vitória; se o fizesse, teria sofrido igual revés. Mas, se o prazer for privado também do segundo prêmio, cairá bastante no conceito de seus aficcionados, que nem mesmo encontrariam nele sua beleza primitiva.

*Sócrates* – E agora? Não será melhor deixá-lo em paz, sem fazê-lo sofrer com nossa crítica rigorosa, para confundi-lo de todo?

*Protarco* – O que dissestes é o mesmo que nada, Sócrates.

*Sócrates* – Porque figurei um impossível, nisso de causar dor ao prazer?

*Protarco* – Não apenas por isso, mas por não lewares em consideração que nenhum de nós te deixará sair antes de nos expores todas as implicações desse argumento.

*Sócrates* – Pelos deuses, Protarco! Que longo discurso temos pela frente, justamente agora, e nada fácil de enunciar. Tudo indica que nesta marcha para a conquista do segundo prêmio em benefício da inteligência, precisaremos lançar mão de armas diferentes das empregadas nos discursos anteriores. Mas talvez algumas ainda possam ser aproveitadas. Convirá prosseguir?

*Protarco* – Como não?

XII – *Sócrates* – Usemos de maior cautela no preparo de nossos alicerces.

*Protarco* – A que te referes?

*Sócrates* – Dividamos em duas classes tudo o que existe no mundo; ou melhor, se o preferires, em três.

*Protarco* – E o critério, não quererás dizê-lo?

## Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

